

A PRODUÇÃO DE HISTÓRIA NO CURSO DE PEDAGOGIA E O ENSINO DE MATEMÁTICA

Ana Paula Araújo Mota ¹

RESUMO

A matemática é uma disciplina tida por muitas pessoas como de difícil compreensão no currículo escolar, isso se deve, geralmente, a forma do processo de ensino e aprendizagem mecanizado durante a educação básica. Entretanto, quando trabalhada de uma forma atrativa, lúdica que leve o aluno a refletir sobre a sua aprendizagem apresenta-se como uma possibilidade significativa de ensino e aprendizagem. Dessa forma objetivamos apresentar a produção de histórias por alunos de um curso de Pedagogia licenciatura plena para trabalhar a matemática, buscando compreender quais as possibilidades desse trabalho que relacione as indicações do currículo oficial e as condições de aprendizagem do público-alvo. Nesse sentido, a nossa questão problema se configura: como as histórias produzidas por alunos do curso de pedagogia poderia ser utilizadas para ensinar matemática? A metodologia da pesquisa é qualitativa, os dados foram coletados a partir de uma história produzida e da narrativa realizada no dia da apresentação das produções dos livros de histórias infantis pelos alunos da disciplina de ensino de matemática. Os resultados indicam que além das contações, a produção de histórias pode-se mostrar como uma eficiente ferramenta para aquisição da aprendizagem significativa, uma vez que, com a apropriação da Teoria da Aprendizagem Significativa o professor conhece o nível de desempenho dos seus alunos, têm maiores condições de criar histórias que trabalhe determinados conteúdos, que relacione diferentes áreas do conhecimento, que os desafiem a levantar hipóteses e negociar possibilidades saindo do âmbito de questões com respostas exatas.

Palavras-chave: Produção de Histórias. Ensino de Matemática. Teoria da Aprendizagem Significativa.

INTRODUÇÃO

A matemática é uma disciplina tida para muitas pessoas como de difícil compreensão no currículo escolar e isso se deve, muitas vezes, a forma como o ensino foi ministrado durante a educação básica, assim como as cobranças do sistema de avaliação externa que medem o índice de aprendizagem dos alunos nessa área do conhecimento fazendo com que a preocupação dos professores e gestores escolares seja trabalhar as competências e habilidades determinadas pelo sistema avaliativo. Entretanto quando esta disciplina é trabalhada de uma forma atrativa,

¹ Mestra, Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns – CECITEC/ Universidade Estadual do Ceará - UECE, annapaula154@yahoo.com.br;

lúdica que leve o aluno a refletir sobre a sua aprendizagem apresenta-se como uma possibilidade significativa no processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, objetivamos apresentar a produção de histórias construídas por alunos de um curso de licenciatura em Pedagogia para trabalhar o ensino de matemática na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, buscando compreender quais as possibilidades desse trabalho que relacione as indicações do currículo oficial e as condições de aprendizagem do público-alvo. O problema da pesquisa se configura: como as histórias produzidas por alunos do curso de pedagogia poderia ser utilizadas para ensinar matemática?

O interesse pela temática se deve ao fato de nos últimos anos atuar como professora de uma disciplina de ensino de matemática no curso de pedagogia de uma instituição pública de ensino superior do interior do estado do Ceará e verificar nas narrativas dos alunos que há indícios que estes não tiveram uma boa relação com a disciplina e que a forma como aprenderam tais conteúdos são baseados em métodos de repetição, memorização mecânica dos algoritmos da tabuada, provas orais e resolução de exercícios, o que tornava a disciplina cansativa e chata, ou seja sem sentido. As narrativas faziam parte da metodologia da disciplina, onde em um diário, os alunos registravam suas experiências com a matemática ao final de cada aula. O objetivo da escrita das narrativas era buscar compreender a relação desses alunos com os conteúdos de matemática e se havia indicação de dificuldades para que pudessem ser trabalhadas na disciplina.

Nesse trabalho apresentamos algumas considerações sobre a metodologia da pesquisa referentes ao campo de investigação e as técnicas de coleta de dados. Em seguida articulamos discussões que compreendem o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos matemáticos, a produção de histórias e a Teoria da Aprendizagem Significativa. Apresentaremos também um episódio de um livro construído por uma aluna da disciplina de ensino de matemática do curso de Pedagogia e por último as considerações finais.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica se insere no campo da pesquisa de natureza é qualitativa que reconhece o caráter dialético da realidade, ressaltando tanto o processo investigativo como os resultados da investigação na busca de produção de sentidos sobre os dados produzidos.

O nosso cenário de investigação é uma turma de pedagogia do 6º semestre, na qual a produção de histórias infantis é uma metodologia utilizada na disciplina de ensino de matemática, onde os alunos são desafiados a criar histórias considerando as indicações do currículo oficial e o contexto social do público da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Inicialmente apresentamos e discutimos a proposta da Base Nacional Comum Curricular – BNCC para essas etapas de ensino e individualmente ou em grupos os alunos da disciplina se organizaram para planejar e construir um livro de histórias com a finalidade de trabalhar matemática.

Vale ressaltar que no momento da realização da investigação 75% dos 32 alunos matriculados na disciplina participavam do Programa Residência Pedagógica que consiste em ações agregadas a Política Nacional de Formação de Professores que possibilita a inserção dos licenciandos no ambiente escolar a partir da segunda metade do curso. Dessa forma, a maioria dos alunos, futuros professores, estavam realizando atividades que possibilitasse conhecer a organização e o funcionamento das instituições parceiras, assim como, atividades de regência em sala de aula, o que colaborou para que estes identificasse as dúvidas dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, permitindo que estes ao planejarem a produção da história infantil pudessem considerar esses indicadores.

Percebemos a inserção no espaço escolar como um ganho para a formação dos alunos (futuros professores), pois o fato destes estarem nesse ambiente, e em alguns momentos atuando como regentes na sala de aula, estão tendo a oportunidade de ir se constituindo profissionais, através da aprendizagem da organização do tempo pedagógico e do planejamento.

Outro aspecto relevante na investigação são as narrativas, onde ao final de cada aula os alunos eram solicitados a registrarem de forma escrita em um caderno suas narrativas, relacionando o conteúdo estudado as experiências vivenciadas quando alunos da educação básica. As narrativas pessoais dos alunos é entendida segundo Freitas e Fiorentini (2007):

Como um modo de refletir, relatar e representar a experiência, produzindo sentido ao que somos, fazemos, pensamos, sentimos e dizemos. Por outro lado, apresenta-se a narrativa como modo de estudar/investigar a experiência, isto é, como um modo especial de interpretar e compreender a experiência humana, levando em consideração a perspectiva e interpretação de seus participantes. (p.1)

Dessa forma, as narrativas nos permite identificar as dificuldades, assim como o movimento de (re) significação dos conteúdos, de reflexão e a construção de novos conhecimentos, assim como os sentidos que estes atribuem quando negociam hipóteses e

planejam atividades. Nessa investigação apresentamos a narrativa referente a aula da apresentação dos livros na disciplina de ensino de matemática no curso de pedagogia, destacando o sentimento que a aluna transmite ao concluir a atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de ensino e aprendizagem de matemática é muitas vezes realizado de forma mecanizada sem possibilitar que os sujeitos envolvidos reflitam sobre o processo de significação dos conteúdos. Sousa, Silvano e Lima (2018) indicam que “a medida que não acontece uma reflexão, instigando o pensamento do indivíduo, pode ser considerado um conhecimento sem relevância, sem significado e sem sentido momentaneamente”.

Outro fator que se faz relevante destacar é a grande preocupação das escolas e professores em preparar os alunos dos anos avaliados (2º, 5º e 9º do ensino fundamental), pelo Sistema de Avaliação Permanente do Ceará (SPAECE) para realizar a prova externa em língua portuguesa e matemática, ou seja o “ensinar e aprender para testes” como Santos e Ortigão (2016) nomeiam. As autoras indicam que os conteúdos contemplados nas avaliações externas passam a ser o próprio currículo e isso pode provocar o estreitamento curricular.

Embora as avaliações externas envolvam muitos sentidos, dentre eles a qualidade da educação, faz-se necessário refletir que “a falta de domínio dos conteúdos por parte de alguns estudantes, gera uma aprendizagem de matemática repleta de falhas conceituais, lacunas, a qual fica evidenciada nos resultados das avaliações externas, seja em âmbito local, nacional (...)” (SANTOS, 2018, p. 132).

Assim como a fragilidade conceitual, muitas vezes presente nos cursos de formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental, no que se refere ao currículo, a didática e avaliação para atuar como profissional nessa etapa de ensino, dificulta ao professor desses anos ensinar de maneira mais significativa pois possuem insegurança em trabalhar determinados conteúdos de matemática que não foram ensinados durante a formação, uma vez que como identifica Ferreira (2019):

A abordagem dada aos conteúdos específicos de matemática no curso de Pedagogia foi direcionado apenas as questões metodológicas, pois partia-se do princípio de que os licenciandos já conheciam os conceitos matemáticos, faltando apenas o estudo dos procedimentos. O que foi um engano, pois os licenciandos tinham muitas dúvidas para operar de forma conceitual e metodológica com esses assuntos. (p. 16)

O posicionamento de Ferreira soma-se ao posicionamento de outros autores do campo da formação de professores e de didática, como Gatti (2009), por exemplo, que tem problematizado e discutido sobre a fragilidade conceitual e a ênfase no aspecto metodológico em detrimento do trabalho de (re)significação dos conteúdos no cursos de formação inicial.

D'Ambrosio (2015) alerta para o fato de não estarmos ensinando de forma criativa, “(...) ensinamos o mesmo currículo há 200 anos! Apesar de alterarmos constantemente o currículo de forma a remendar algo que não funciona, temos sido incapazes de fazer com que o currículo acompanhe as necessidades do jovem para a sociedade moderna”. (p. 3) Acreditamos que esse é um fator muito importante, pois para que a aprendizagem seja significativa precisa ter sentido para o sujeito e se relacione tanto aos seus conhecimentos prévios como ao contexto sócio histórico.

Sabemos que o pouco tempo destinado a disciplinas de ensino de matemática é uma fragilidade em relação aos conhecimentos necessários à atuação dos futuros professores, também temos clareza que não é somente aumentar a carga horária da disciplina ou agregar duas ou mais disciplinas na matriz curricular que resolveremos o problema da formação docente- inicial e continuada. Tal medida pode até diminuir as dificuldades relacionadas aos conteúdos, mas não necessariamente resolve o problema, porque há outras questões envolvidas nesse processo tais como: a) a formação do professor formador dessa disciplina; b) o fato do aluno não ter estudado durante muitos anos alguns conteúdos específicos de matemática, como exemplo a geometria, a operação aritmética da divisão e quando chega a formação inicial, muitas vezes, a disciplina não dá conta de trabalhar esses conteúdos da formação básica do aluno.

No próximo tópico apresentaremos que a clareza por parte do professor de como o aluno aprende pode direcioná-lo a desenvolver um trabalho significativo com a produção de histórias para trabalhar conteúdos matemáticos.

AS HISTÓRIAS INFANTIS E A TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

As histórias infantis se constituem como uma possibilidade para o ensino de matemática na educação infantil e ensino fundamental de forma lúdica e atrativa, considerando que,

geralmente as crianças gostam de histórias infantis e se envolvem através da imaginação com o enredo destas.

Considerando a capacidade infantil de interpretar as histórias e a necessidade de estimular essa capacidade, admitimos que as crianças podem iniciar a compreensão de vários conceitos matemáticos básicos, os que são possíveis de serem tratados por meio de problemas em torno dos temas das histórias. Ou seja, o educador infantil pode trabalhar fazendo uma conexão entre as interpretações das histórias da literatura infantil e a iniciação matemática, para incentivar as crianças a aprender novas noções matemáticas e a utilizar melhor as já aprendidas. (ZACARIAS E MORO, 2005, p.4)

Os autores apresentam propostas de realizar um trabalho interdisciplinar entre as histórias infantis, muitas vezes vistas somente com o caráter de aproximar a criança da leitura e da escrita, indicando ser possível realizar uma aprendizagem significativa. Essas indicações encontram respaldo em documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC que propõe ser fundamental a realização de um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento.

Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças. (BRASIL, 2017, p. 58)

A educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental constituem-se uma etapa privilegiada em que a criança é estimulada a interagir e negociar por meio de diferentes linguagens, como: as brincadeiras, a exploração de objetos e espaços, as contações de histórias, que colaboram para o desenvolvimento infantil, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem estar relacionado a intencionalidade das práticas pedagógicas realizadas pelo professor podendo este através de uma contação de história trabalhar aspectos de diferentes áreas como ciências, geografia, língua portuguesa, matemática dentre outras possibilidades.

Além das contações, a produção de histórias por professores podem se mostrar como uma eficiente ferramenta para alcançar determinados objetivos, considerando que o professor conhecendo o nível de desempenho dos seus alunos, têm maiores condições de criar histórias que trabalhe determinados conteúdos, que relacione diferentes áreas do conhecimento, que os desafiem a levantar hipóteses e negociar possibilidades saindo do âmbito de questões com respostas exatas.

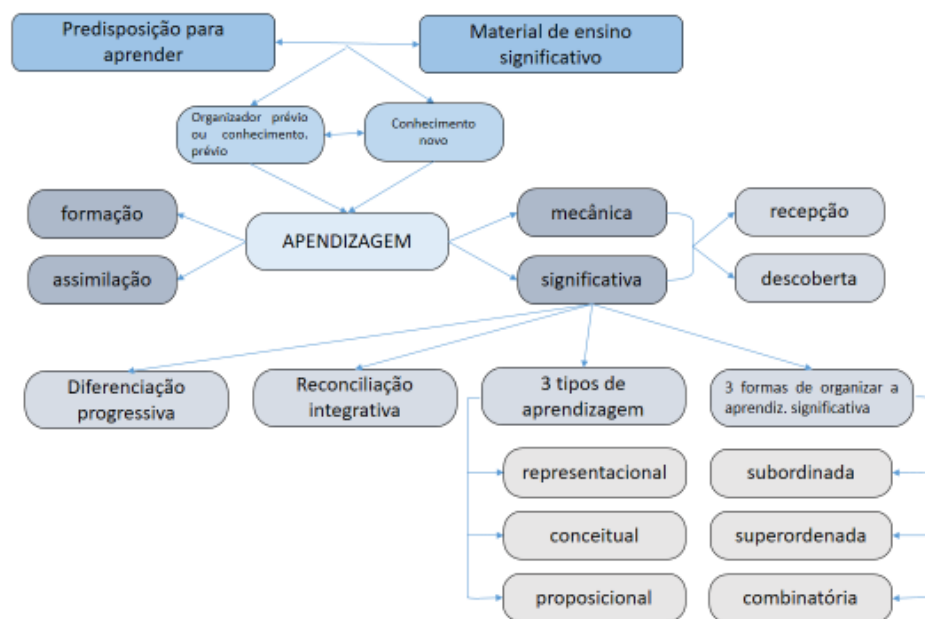
Sousa e Oliveira (2014) analisaram a dinâmica da Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (Aciepe) Histórias Infantis e Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da trajetória de cinco egressas do curso de Pedagogia participantes da atividade.

Os autores defendem que experiências formativas como estas na educação básica, na formação inicial dentre outras, contribuem para o desenvolvimento profissional, pois quando o licenciando “analisa uma prática observada e experienciada, considerando sua prática futura, ele estar se desenvolvendo profissionalmente”. (SOUSA; OLIVEIRA, 2014, p. 1029)

Consideramos relevante atividades que estimulem o aluno, futuro professor, a pensar a partir do seu contexto, a construir propostas como as histórias infantis, a planejar objetivos e atividades exploratórias, considerando como o aluno aprende e diferentes possibilidades de respostas que podem ser dadas por estes, assim como o processo de avaliar.

É nesse sentido, que a Teoria da Aprendizagem Significativa que têm como principal teórico Ausubel nos proporciona “compreender como funciona o processo de aprendizagem na estrutura cognitiva do indivíduo”. (Ferreira, 2019 p. 38) Ou seja, essa perspectiva teórica nos permite identificar as condições reais de aprendizagem do sujeito para que possamos intencionalmente planejar o ato pedagógico com criatividade.

Mapa 1: Teoria da Aprendizagem Significativa



Fonte: Mota (2019)

O mapa a cima foi construído a partir das discussões apresentadas por Sousa, Silvano e Lima (2018) sobre a Teoria da Aprendizagem Significativa na prática docente, na qual os autores fundamentados na perspectiva de Ausubel indicam que, para que a aprendizagem significativa ocorra é preciso inicialmente predisposição para aprender por parte do aluno e material de ensino potencialmente significativo e esclarece que é a partir da relação entre os conhecimentos prévios (subsunçores) dos alunos e os novos conhecimentos que se dá a aprendizagem. Caso o aluno não tenha conhecimentos prévios, o professor precisa construir junto a este organizadores prévios que exercerá a mesma função. Nessa direção a aprendizagem pode ser mecânica ou significativa e se dar por formação ou assimilação. À medida que o sujeito aprende vai ocorrendo uma diferenciação progressiva elaborado a partir das interações com outros conhecimentos mais geral e inclusivo e a reconciliação integrativa que consiste na reorganização de conceitos e ideias já estáveis na estrutura cognitiva do indivíduo.

Na perspectiva de Ausubel os conceitos podem ser adquiridos por formação que ocorre quando a criança está na educação infantil ou assimilação que ocorre em crianças em período escolar e adultos. O teórico propõe três tipos de aprendizagem significativa que são: representacional, conceitual e proposicional, assim como três formas de organização dessa aprendizagem: subordinada, superordenada e combinatória.

Poderíamos nos questionar por que a Teoria da Aprendizagem Significativa e não outra? Porque esta permite ao professor ter clareza do processo de construção da aprendizagem do aluno. Acreditamos que essa teoria traz grandes contribuições na formação de professores, possibilita refletir as práticas, a seleção e produção de material como a construção de histórias infantis nas aulas de matemática adequado as necessidades do desenvolvimento dos mesmos, as situações-problema propostas através das histórias que fazem com que despertem interesse neles diante dos desafios. Ferreira (2019) esclarece que:

O professor, ciente dos conhecimentos que o aluno já sabe, deve conduzir sua aula de acordo. Isso configura que o ensino deve ser baseado conforme a estrutura cognitiva deste, visto que a aprendizagem não acarreta somente acréscimos, mas modificações na disposição na estrutura cognitiva do aprendiz. (p. 43)

O professor quando assume essa postura de mediador e organizador do tempo pedagógico do aluno e considera as fragilidades conceituais, possibilita que este crie outras formas de resolução, negocie significados em grupos, levante hipótese e possa construir um ambiente propicio ao ensino e aprendizagem como é defendido por Nacarato, Mengali e Passos (2009) que indica a importância da criação desses ambientes para ensinar e aprender matemática, caracterizado pela relação dialógica que deve ser estabelecida na sala de aula,

onde é utilizada a comunicação e as interações entre os que nela atuam, e também a importância das negociações de significados, a respeito do que se vai estudar/ensinar.

Essas experiências podem colaborar para a realização da aprendizagem significativa por parte do aluno, pois como ressalta Ferreira (2019) é preciso que o aluno queira participar do processo de ensino e aprendizagem, como nomeia o autor, que o aluno tenha disposição para aprender e que o material seja potencialmente significativo. Pois quando há essa boa relação, o aluno se sente parte de todo processo, têm sua voz e saberes valorizados e possivelmente passa a gostar da disciplina.

Apresentaremos um episódio de uma história produzida no curso de Pedagogia durante a disciplina de ensino de matemática que introduz questões relacionada a medidas do tempo.

EPISÓDIO: DE CASA PARA A ESCOLA

O livro “Lendo Matemática” foi construído por uma licencianda de Pedagogia para trabalhar matemática no 1º e 2º ano do ensino fundamental e foi escolhido para ser apresentado, porque diferente dos outros livros produzidos por os demais alunos, esse traz cinco histórias: Maria e as formas geométricas; Paulo e o seu aniversário de 7 anos; a menina que adora laranja; a aula das medidas e de casa para escola, ou seja, uma história para cada dia letivo de aula (segunda a sexta) envolvendo geometria, operações aritméticas de adição e subtração e medidas, questões que fazem parte do cotidiano dos alunos. Nesse trabalho apresentaremos o episódio: de casa para a escola.

Fig. 1 episódio de casa para a escola



Fonte: estória de Gonçalves

Fig. 2 episódio de casa para a escola



Fonte: estória de Gonçalves

Podemos perceber que a história produzida pela aluna Gonçalves apresenta um enredo de fácil compreensão pelas crianças, com linguagem acessível e possibilita abordar conteúdos e conceitos matemáticos presente no cotidiano tais como as unidades não convencionais e convencionais de medida do tempo. Uma sugestão para que o professor possa explorar o livro é fazer a predição da história, indagando os alunos sobre a possível discussão que pode ser abordada a partir da leitura do título “de casa para a escola”, levantar as ideias deste sobre a temática.

Após a leitura da história, é possível relacioná-la aos conhecimentos prévios dos alunos, alguns aspectos que podem ser trabalhado nessa atividade: quando e por que medimos o tempo? Quais as maneiras de medir o tempo? Será que só podemos medir o tempo usando o relógio? Que outras possibilidades temos? Outra sugestão é explorar quanto tempo estes gastam para chegar até a escola? Pode-se também construir um gráfico que corresponda a quantidade de tempo gasto por cada aluno de casa a escola para facilitar a visualização e a comparação de quem gasta mais e menos tempo.

Explorar os conhecimentos prévios dos alunos para relacionar e introduzir novos conteúdos faz com que estes se sintam valorizados, percebe-se parte do processo, no qual os seus saberes são considerados e isso pode estimulá-lo a quererem participar das aulas, a estar aberto a negociar opiniões a partir das problematizações propostas pelo professor.

O episódio contempla as indicações da BNCC para o 1º e 2º ano do ensino fundamental na unidade temática de grandezas e medidas que apresenta como objeto de conhecimento para o 1º ano: a proposta de trabalhar as unidades de medidas de tempo, que pode ser enriquecida pelo professor a partir da apresentação de formas não convencionais e convencionais de medir o tempo, assim como diferentes tipos de relógio e para o 2º ano: os intervalos de tempo e a leitura de horas em relógios digitais. Pode-se propor atividades relacionada ao tempo, no qual possa fazer a identificação de que horas acorda, vai à escola, faz as atividades, almoça, brinca, dorme ou ainda o tempo gasto para realização de ações pelas crianças, como: o tempo gasto para tomar banho, o período que fica na escola, que realiza as atividades escolares em casa. Propostas que podem ser realizada junto a família.

O episódio apresentado favorece o letramento matemático quando possibilita o aluno a relacionar o conteúdo a suas atividades cotidianas que conforme a BNCC compreende o desenvolvimento de competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente com base em situações da vida cotidiana.

A integração entre as histórias infantis e o ensino de matemática fazem com que os alunos se envolvam e queiram participar das aulas, o que Ausubel denomina de predisposição para aprender. Carneiro e Passos (2006, p. 9) indicam que essas práticas “provoca mudanças na dinâmica da aula, motivando e interessando os alunos e sendo possível facilitar o processo de ensino e aprendizagem”.

As ideias de que a relação histórias infantis e matemática proporciona um trabalho no qual os sujeitos se envolvem é também registrado em um fragmento da narrativa da aluna Gonçalves referente a aula da apresentação dos livros de história: - *“Foi realmente uma noite muito especial em que o nosso esforço foi apresentado na forma de livros infantis brilhantes. Realmente me fez perceber o quanto somos capazes de ir além do tradicional, é possível inovar”*.

A voz da autora da história mostra a satisfação e o prazer de realizar a produção de um livro de histórias para trabalhar matemática com questões cotidianas do universo dos alunos dessa etapa de ensino. Vale destacar que o professor ao ter clareza de como se constrói a aprendizagem significativa pode tanto selecionar o material adequado quanto construir materiais, que despertem o interesse dos alunos e permitir que estes façam parte do processo. Gonçalves ainda acrescenta:

“Esses livros abriram os meus olhos para o que podemos fazer em nossa prática para mudar a realidade da educação. Podemos tornar a matemática e todas as outras disciplinas acessíveis a compreensão de nossos alunos. Atividades diferenciadas como essa nos fazem alunos críticos, nos tornam profissionais melhores, que buscam por uma melhor qualidade de ensino, mesmo que por meio de atividades trabalhosas ou exercícios simples, o importante é fazer com que os alunos compreendam o que se quer passar ali pra eles”. (Narrativa de Gonçalves)

A partir da narrativa pudemos inferir que a produção do livro possibilitou aos licenciandos do curso de Pedagogia refletir sobre os seus conhecimentos matemáticos, assim como a construção de propostas acessíveis ao nível cognitivo dos alunos, ou como diz Ferreira (2019) a selecionar e construir material potencialmente significativo, além de contribuir na reflexão constante da prática pedagógica.

Também é possível identificar o sentimento de alegria e satisfação quando a aluna expressa - *sou grata por essa experiência única, por me permitir sentir que também posso fazer a diferença! Espero um dia tocar os meus alunos dessa forma, lhes fazendo perceber que temos potencial e capacidade de sermos melhores*.

O prazer propagado na narrativa de Gonçalves ao concluir a atividade demonstra o quanto esse momento de aprendizagem foi significativo para ela e que é possível sim, produzir um livro de histórias que colabore para trabalhar diferentes áreas do conhecimento, pois, geralmente quando apresentamos a proposta durante a disciplina, muitos dizem que não vão conseguir, que não sabem fazer e quando se percebem planejando o enredo da história, modificando, negociando no grupo essa produção, vão se modificando também junto com o processo e ao finalizarem a construção sentem-se motivados a trabalharem em sua futura prática docente.

Consideramos fundamental o papel do professor na organização e direcionamento das atividades, principalmente no sentido de ouvir as vozes dos alunos, seus anseios, suas preocupações e contemplar no seu planejamento como gestor do tempo pedagógico, inovando e valorizando os saberes dos alunos como identificamos:

Como é bom sermos tocado por um professor que faz a diferença, que inova em suas metodologias, seja na educação infantil ou no ensino superior. Sou grata por todos que fizeram a diferença em minha jornada, que buscaram meios para tornar possível a minha compreensão. (Narrativa de Gonçalves)

A formação do professor formador é outro aspecto relevante destacado na narrativa, sabemos que é preciso uma formação sólida para que este tenha condições de discutir os conteúdos através de diferentes métodos, proporcionando atividades diversificadas na qual os alunos possam compreender os conteúdos e construir diferentes estratégias de resolução.

Essas experiências são fundamentais na constituição do futuro (a) professor (a) da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que, identificar questões tão simples como a forma que os alunos chegam na instituição de ensino, dentre tantas outras presentes nas práticas em sala de aula e que muitas vezes passam despercebidas, podem ser potencializadoras e significativas para trabalhar os conteúdos proposto no currículo escolar de todas as áreas do conhecimento, inclusive a matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de histórias para ensinar matemática na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental por alunos do curso de Pedagogia constitui-se uma estratégia que facilita a aprendizagem significativa dos alunos, uma vez que estes se envolvem com as histórias, geralmente articuladas ao contexto dos alunos, o que fazem com que estes queiram participar das aulas.

A Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel fornece subsídios para que os licenciandos, futuros professores da etapa inicial da educação básica, possam ter clareza de como se dá o processo de aquisição da aprendizagem significativa e assim possam identificar as fragilidades conceituais dos seus alunos e tanto selecionar quanto construir materiais acessíveis que potencializem a aprendizagem de forma lúdica.

A narrativa da participante indica que há aspectos como a formação do professor formador, as atividades diferenciadas, a produção de histórias, possibilita formar alunos críticos e constitui-se como importantes estratégias para que o aluno compreenda o que o professor quer explorar.

Consideramos que além das contações, a produção de histórias pode-se mostrar como uma eficiente ferramenta para aquisição da aprendizagem, uma vez que, com a apropriação da Teoria da Aprendizagem Significativa o professor conhece o nível de desempenho dos seus alunos, têm maiores condições de criar histórias que trabalhe determinados conteúdos, que relacione diferentes áreas do conhecimento, que os desafiem a levantar hipóteses e negociar possibilidades saindo do âmbito de questões com respostas exatas. Também se constitui fundamental para o desenvolvimento profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> (2017)

CARNEIRO, Reginaldo Fernando; PASSOS, Carmem Lúcia. Matemática e Literatura Infantil: uma possibilidade para quebrar a armadilha do desconhecimento matemático. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem15dpf/sm15ss06_04.pdf. Acesso: 08. Set. 2019

D'AMBROSIO, Beatriz S. **A subversão responsável na constituição do educador matemática.** Disponível em: https://www.academia.edu/35157450/A_SUBVERS%C3%83O_RESPONS%C3%81VEL_N_A_CONSTITUI%C3%87%C3%83O_DO_EDUCADOR_MATEM%C3%81TICO

FERREIRA, Leonardo Alves. Formação de professores e aprendizagem significativa: contribuições par o ensino da divisão. Dissertação (Mestrado Acadêmico)

FREITAS, Maria Tereza Menezes e FIORENTINI, Dario. **As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática.** Revista Horizonte – USF, Itatiba, SP, v. 25. N.1, p. 63-71, jan-jun 2007.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: Unesco, 2009.

NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. S.; PASSOS, C. L. B. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Tendências em Educação Matemática)

SANTOS, Maria José Costa dos Santos. **O currículo de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): os subalternos falam?** Horizonte, v. 36, n.1, p. 132-143, jan./abr. 2018 Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/571> Acesso: 08 ago. de 2019

SANTOS, Maria José Costa dos Santos.; ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho. **Tecendo redes intelectivas na matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: relações entre currículo e avaliação externa (SPAECE).** Disponível em: <http://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/70>

SOUZA, Cleângela Oliveira; SILVANO, Antônio Marcos da Costa; LIMA, Ivoneide Pinheiro de. **Teoria da aprendizagem significativa na prática docente.** Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a18v39n23/a18v39n23p27.pdf>

SOUZA, Ana Paula Gestoso de; OLIVEIRA, Rosa Maria Anunciato de. **Aciepe Histórias Infantis e Matemática: uma instância formativa.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362014000400005&script=sci_abstract&tlng=es Acesso em: 08 ago. 2019

ZACARIAS, Eloísa e MORO, Maria Lucia Faria. **A matemática das crianças pequenas e a literatura infantil.** Educar, Curitiba, n. 25, p.275-299, 2005. Editora UFPR.